

A AVAREZA NA CONSTRUÇÃO DO CARÁTER NA LITERATURA OCIDENTAL: SR. GRANDET E SCROOGE

THE AVARICE IN BUILT OF CHARACTER IN WESTERN LITERATURE: MR. GRANDET AND SCROOGE

Thales Pereira Maciel¹

thalesmac@live.com

Alessandra Bittencourt Flach²

alessandraflach@fapa.com.br

Resumo: Através de uma síntese biográfica de Charles Dickens e Honoré de Balzac, este artigo procura ressaltar a importância do dinheiro na vida desses autores. Ele expõe, também, a relação entre Scrooge Ebenezer e Sr. Grandet (personagens de Dickens, em *Um conto de natal*, e Balzac, em *Eugênia Grandet*, respectivamente) no que compete à avareza e suas implicações no caráter, descritas sob o viés do Realismo literário.

Palavras-chave: Balzac. Dickens. Avareza. Realismo.

Abstract: Through a biographical synthesis of Charles Dickens and Honore de Balzac, this article seeks to highlight the importance of money in these authors' lives. It exposes also the relationship between Scrooge Ebenezer and Mr. Grandet (Dickens's character in *A Christmas Tale*, and Balzac's character in *Eugenie Grandet*, respectively) in avarice's implications on character, that has been described under the literary realism's bias.

Key words: Balzac. Dickens. Avarice. Realism.

1 Síntese biográfica

1.1 Charles Dickens

Segundo dos oito filhos do casal John e Elizabeth Dickens, Charles Dickens nasceu em Landport, sudoeste da Inglaterra, em 7 de fevereiro de 1812. A questão financeira parece ter sido marcante em sua vida: seu pai, John, um funcionário administrativo que fazia pagamentos para a marinha, endividava-se com a mesma frequência com que a família passava por dificuldades. Conforme Paul-Louis Hervier (1946, p. 7), “John Dickens,

¹ Acadêmico de Letras – Faculdade Porto-Alegrense (FAPA).

² Doutora em Letras (UFRGS). Professora da Faculdade Porto-Alegrense (FAPA).

imprevidente e fraco, modesto empregado da Pagadoria Naval, fazia projetos absolutamente em desacordo com os seus meios de fortuna”.

Aos nove anos, Charles foi confiado a um senhor com fama de erudito que o instruiu incansavelmente, mostrando-se desde a infância inclinado à literatura. Hervier (1946, p. 15) salienta: “A extraordinária inteligência da criança conquista imediatamente o senhor Giles, que a estimula o quanto pode; as lições continuam, muitas vezes, pela noite a dentro, com excelentes resultados e rápidos progressos”.

Ao desistir de viver na província, em Catham, John resolvera tentar a sorte em Londres, que, na época, atraía todos os olhares necessitados e que os amparava com a miséria e as dívidas: “moravam num casebre, o pai estava desempregado e a mãe não adquirira, ao contato de tantas calamidades, nem ordem nem espírito de previdência. A criança assiste à pobreza cada dia maior, à ruína inevitável. O pão falta e a criança grita e chora. O lar torna-se um verdadeiro inferno” (HERVIER, 1946, p. 17).

A mãe tenta, como última alternativa frente à necessidade por que passavam, abrir uma escola para meninas, já que possuía alguma instrução. Fracassara, todavia, já que não se tem notícia de nenhuma menina que se tenha disposto a ser educada pela Sra. Dickens. A família é rondada por uma miséria desoladora. Enquanto Charles é uma espécie de entregador de jornais, forma-se na sua porta uma fila de credores impacientes fazendo ameaças. O pai, John Dickens, fora então preso por suas dívidas.

Para esta criança começou então uma vida triste e desgraçada; desempenhava em casa o papel de criado. É quem engraxa os grosseiros sapatos dos irmãos, quem toma conta deles, veste-os, calça e diverte; quem faz as compras e os rezados – tarefa bem desagradável, pois o crédito nas lojas da vizinhança é quase nenhum -; quem vai às casas de penhores e dos ocasionais compradores dos objetos que escaparam dos leilões passados. (HERVIER, 1946, p. 18).

O escritor consegue visitar o pai algumas vezes, quando conhece a realidade deplorável do cárcere: Marshalsea.

Um parente distante da família ajuda a irmã mais velha da família Dickens a ingressar em uma academia de música. Como chefe de família, a partir daí, Charles tem o dever de levar à casa pelo menos um pouco de alimento. Consegue um emprego detestável em uma fábrica de graxa, “um lugar abafado, sujo e doentio, na companhia de garotos ignorantes e estúpidos” (HERVIER, 1946, p. 20). Sem mais poderem retardar o inevitável, diante das cobranças dos seus credores e da necessidade que passavam, os demais Dickens, com exceção de Charles, foram viver na prisão. O escritor conseguiu um pequeno – e miserável – quarto para dividir com outras duas crianças na casa de uma velha, onde “almoçava de manhã dois

cêntimos de pão e leite; ao meio dia, um pão de dois cêntimos e um pouco de queijo. Jantava [...] às vezes carne cozida e salsichas, outras vezes um pedaço de pudim velho. Não jantava coisa alguma quando lhe acontecia ter-se enchido de manhã” (HERVIER, 1946, p. 25).

Para Havier (1946, p. 23), embora sofrendo com tanta miséria, Dickens não reclamava ao pai, na prisão, do trabalho pesado e cansativo, mas sim de viver em um total abandono, sem qualquer resquício de afeto em sua rotina árdua e desprovida da família. Era no cárcere, ironicamente, que encontrava o mínimo de conforto e amparo familiar que buscava através da proximidade dos parentes. “Dickens vivia triste; no entanto, nunca foi invejoso, nunca se mostrou nem áspero nem despeitado. Tinha fé num destino menos cruel e somente se entristecia e revoltava de esperar em vão o raio de sol que viria iluminar-lhe a vida sombria” (HERVIER, 1946, p. 23).

Como prisioneiros por dívidas não poderiam permanecer encarcerados perpetuamente, John Dickens foi liberto alguns anos mais tarde. Charles permaneceu trabalhando na fábrica de graxa até que seu pai discutiu com o diretor e decidiu que o filho voltaria a estudar em uma escola. O escritor almejava instruir-se e amara a resolução do pai, venerando-o ainda mais por conta disso. Sua mãe, por motivos avaros, considerava tolice abrir mão de alguns trocados por semana que Charles conseguiria trabalhando em troca da instrução de um dos seus oito filhos (HERVIER, 1946, p. 28). Evidencia-se a avareza contrapondo a ascensão da pessoa humana no sentido mais amplo.

Charles começa sua carreira como jornalista, cobrindo o poder judiciário de Londres. Para Julian Patrick (2009, P.162), o cargo “o levou a satirizar o mundo dos tribunais em uma série de romances”. Patrick aponta que a produção de Dickens iniciara com a publicação de algumas narrativas em folhetins sob o pseudônimo de *Boz*, a partir de 1833. Os textos concederam-lhe popularidade, principalmente após a publicação de *Oliver Twist*. Ainda para Patrick, “um dos mais importantes aspectos da obra de Dickens é a consciência social”, em que o escritor acusa o abuso infantil pós-revolução industrial, a pobreza, a falta de educação etc. (PATRICK, 2009, p. 163).

Embora tenha sido imerso durante toda a sua infância na miséria que acometia sua família, Patrick (2009, p.164) reitera que “Charles fora a primeira celebridade do mundo das letras, sua popularidade era internacional, atingindo desde os leitores mais pobres até a rainha da Inglaterra. [...] Aos 31 anos, Dickens havia se tornado o escritor mais bem-sucedido da Inglaterra desde Willian Shakespeare”.

Parece também que após sofrer tanto com a falta e desestruturação de sua família, o escritor tivera, ao casar-se e ter dez filhos, o pleno gozo da vida familiar depois de célebre.

Pelo menos enquanto durou seu casamento com Catherine Hogarth. Charles morreu em 9 de junho de 1870, aos 58 anos, depois de um acidente vascular cerebral.

Para Hervier (1946), o romancista foi celebrado e próspero em sua vida através de sua produção. Suas obras mais memoráveis são, além de *Um conto de Natal*, *Oliver Twist* (1837 – 1839), *As aventuras do Sr. Pickwick* (1836-1837) e *David Copperfield* (1849-1850).

Dickens “viu realizarem-se todos os sonhos de sua vida e seus filhos eram felizes: tornara-se finalmente rico. Os direitos de autor aumentavam dia a dia; vivia num lugar do seu agrado e numa casa que desejara possuir desde a infância” (HERVIER, 1946, p. 225), quando o pai o aconselhara a trabalhar incansavelmente para ter a remota possibilidade de conseguí-la.

1.2 Honoré de Balzac

Figurando entre os fundadores da literatura realista, o prolífico Honoré de Balzac produziu obras que inspiraram os mais célebres escritores desde o século XIX. Para Patrick (2009, p. 144), Gustave Flaubert, Emile Zola, Marcel Proust e Charles Dickens, por exemplo, foram influenciados pelo escritor.

Nascido em Tours, na França, em 20 de maio de 1799, Balzac convencera sua família, aos 19 anos, mesmo não dispondo de muitos recursos, a sustentá-lo em Paris, para que pudesse se tornar um escritor bem-sucedido.

Para Ivan Pinheiro Machado (2014, s.p.), o francês mostrava-se perspicaz já ao escolher o momento propício para escrever narrativas que caíssem nas graças do público:

A época de ouro do romance-folhetim, fervilhando em meio à proliferação de jornais e revistas. Consciente da necessidade do aprendizado, e da sua própria falta de experiência e técnica, começara publicando sob pseudônimos exóticos, como Lord R'hoone e Horace de Saint-Aubin.

Foi com *A comédia humana*, entretanto, que assinou seu nome gloriosamente pela primeira vez. *Eugênia Grandet* (1833), seu primeiro grande sucesso de vendas, e o sucessor *O pai Goriot* (1835) fazem de Balzac um dos mais geniais escritores da história, célebre ainda em vida.

Conforme Philippe Berthier (1999, p. 10), “anatomista de seu tempo, ele ausculta, em seu funcionamento mais concreto, os mecanismos sociais e os comportamentos da França revolucionada, revelando as leis não escritas às quais todos devem se dobrar”. Balzac retrata a sociedade em sua obra como um todo através de personagens de um livro que reaparecem em outro, por exemplo.

A ambição do escritor, entretanto, leva-o aos negócios e à sua derrocada financeira: empreende de gráficas de revistas e folhetins às minas de prata. Com a falência, Balzac “reage criando obras-primas para pagar seus credores numa destrutiva jornada de trabalho de até dezoito horas diárias”. (MACHADO, 2014).

Foi somente aos 47 que, já muito cansado pela sua rotina de trabalho e incidência de dívidas, Balzac parou de produzir. Em dezoito anos, Balzac escrevera quase uma centena de obras e elaborara projetos para, pelo menos, mais vinte romances.

Em 18 de agosto de 1850, com 51 anos, morre Honoré de Balzac, vítima de complicações cardíacas. Encerra-se o ciclo de uma das mentes mais brilhantes que a humanidade lançara, sendo carregado por Alexandre Dumas e Victor Hugo.

2 O realismo: um olhar diferenciado sobre a sociedade

Na seção anterior, através de um levantamento biográfico de dois expoentes do Realismo europeu, procurou-se evidenciar o quanto aspectos como dinheiro e ascensão social eram recorrentes na história de vida de cada um desses escritores, o que, de fato, contribuiu para seu modo de fazer literatura. Balzac, considerado o pai do romance moderno, soube, como poucos, evidenciar as questões sociais relacionadas ao dinheiro e à posição social. Muitos de seus personagens são fruto de sua própria experiência de vida, sua constante situação de endividamento e a necessidade de escrever para honrar compromissos financeiros. Mais do que isso, nota-se, em suas obras – e *Eugênia Grandet* é um bom exemplo – seu olhar observador, olhar atento de quem pretende colocar em evidência a burguesia e o proletariado em crise com as grandes forças aristocráticas. Dickens, por sua vez, não faz diferente. Também ele traz à tona os paradoxos e conflitos das oposições de classes sociais a partir da Revolução Industrial.

Certamente, a Europa pós-Revolução Industrial configurou um novo panorama social e, conseqüentemente, novas experiências de vida, em sua maioria associadas ao acúmulo de bens e à conquista de posições sociais que o dinheiro (mais que as virtudes) pudesse pagar. Nesse panorama, cresceram e consolidaram-se autores cuja estética literária, de forma quase inevitável, busca enfatizar a complexidade social e o conflito do sujeito em meio a uma sociedade de aparências e em que o dinheiro predomina como elemento de distinção entre as pessoas. Trata-se de uma literatura engajada, no sentido de que busca revelar ao leitor a estrutura mercantilista e os valores, muitas vezes, superficiais e efêmeros, que se alteram de acordo com os interesses pessoais. Com uma linguagem bastante descritiva e referencial,

busca-se colocar o leitor no cenário que se apresenta, para que ele avalie por si próprio a realidade proposta. Em vez de conhecer tipos e estereótipos, o leitor é apresentado a personagens muito próximos de seu dia a dia: o avarento, a pobre filha injustiçada, o pai autoritário, todos humanamente falíveis e inconstantes.

O Realismo surge, naturalmente, como tentativa de opor e subjugar o Romantismo. O Werther de Goethe que se perde em devaneios e faz uso de uma linguagem enfadonha em seus monólogos e cartas cede lugar à Emma Bovary, de Gustave Flaubert. Emma é retratada até o cerne de sua personalidade de maneira objetiva em toda a sua imperfeição: se frustra ao comparar a sua vida (ela é casada com um agente de saúde – não médico – e sua rotina é basicamente ler histórias de amor e passear pelo jardim com a cadela galga) às narrativas românticas que lia. Tem então no adultério a válvula de escape para todo o seu desapontamento.

Além disso, a Revolução Industrial consolidou o cenário perfeito para o desenvolvimento do Realismo. Conforme Hauser ([19--?], p. 705), a sociedade se reorganiza da seguinte forma: uma camada capitalista, uma classe média e uma nova classe operária (proletariado industrial).

Com o crescimento da população marginalizada e explorada pela indústria cresce também o leque de problemas sociais. O Realismo, então, busca denunciar, em um primeiro momento, essa exploração e as mazelas causadas pelo capitalismo.

A partir disso, explora o ser humano em toda a sua complexidade e imperfeição. É mais que um movimento artístico. Para Eça de Queirós, o Realismo é, em suma,

[...] uma base filosófica para todas as concepções do espírito – uma lei, uma carta, uma guia, um roteiro do pensamento humano na eterna religião do belo, bom e do justo [...]; é a negação da arte pela arte, é a proscrição do enfático e do piegas. É a abolição da retórica considerada como arte de promover a comoção [...]; é a análise com fito na verdade absoluta. Por outro lado, o Realismo é uma reação contra o Romantismo; o Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem [...] para condenar o que houver de mau na sociedade. (QUEIRÓS apud MASSAUD, 2006, p. 231).

No Brasil, foi Machado de Assis, com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), que iniciou movimento: o afamado defunto-autor machadiano Brás Cubas denuncia a sociedade brasileira com certo grau de humor, aliado a sua perspicácia. As personagens são retratadas de forma a deixar ao leitor a tarefa de julgá-las. Pela primeira vez de forma tão evidente, a sociedade brasileira se vê representada de forma impactante: a imagem idealizada cede lugar a uma descrição ácida e irônica, capaz de fazer repensar antigos preceitos e perceber a fragilidade do sistema burguês.

3 A representação da avareza na literatura ocidental

Poucos vícios comportamentais são tão indigestos quanto a avareza, um dos sete pecados capitais em que, segundo o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* (2008, p. 183), o indivíduo tem um desejo incontável por economizar e juntar dinheiro. Para Rebeca Kramer (2009), pelo potencial de acometer o homem já na infância, a sovinice pode ser enraizada e imperar em relacionamentos fraternos ou amorosos; na vida em sociedade, ao longo da idade adulta.

Para Kramer, a peça *O avarento* (séc. XVII) de Molière consolida a imagem da avareza na literatura: “o egoísta *Harpagon*, de tão interesseiro, atrapalha a vida daqueles que o rodeiam. Quanto mais rico fica, mais mesquinho se torna, e mais faz sofrer os filhos” (2009). A autora vai além, dizendo que a peça se tornara célebre por retratar as relações humanas limitadas ao mercantilismo de seu tempo, o que mesmo hoje a mantém atual. (KRAMER, 2009).

Tem-se então Charles Dickens e Honoré de Balzac contribuindo grandiosamente com a avareza na literatura: Dickens com Scrooge e Balzac com Grandet, ambos velhos ricos e amargos; indiferentes a tudo e todos que os cercam. Completamente apáticos às relações humanas e obstinados ao dinheiro.

Para Souza (2004), já Plauto obteve destaque na abordagem da avareza, com *A aululária*, em que Euclião esconde uma pequena panela (aululária) com ouro e, a partir daí, é sufocado pelo apego e pelo medo de ser roubado. Além disso, Dante Alighieri, em *A divina comédia*, estabelece o local no inferno destinado aos que caem no pecado capital da avareza.

Perpassam o campo da literatura e invadem a indústria cinematográfica as representações de seres individualistas e amantes do desenvolvimento de fortuna: do Tio Patinhas, personagem da Disney, ao Sirigueijo, da série de animação *Bob Esponja*, passando pelo não menos famoso Sr. Burns, de *Os Simpsons*. Todos possuem, naturalmente, uma inclinação precisa ao acúmulo de pecúlio fundado na exploração da classe proletária.

Enquanto o ser humano existir, a avareza, assim como infinitos outros sentimentos e hábitos, terá lugar em seu cerne. A literatura serve, pois, para comprovar a imutabilidade da conduta do homem ao longo dos séculos.

4 A avareza na construção do caráter de scrooge e grandet

Se a mulher surge idealizada no Romantismo, a personificação da avareza em *Um conto de natal* e *Eugênia Grandet* constrói o caráter de personagens não ideais, mas sim

egoístas e ríspidos no Realismo da literatura ocidental por meio da “impessoalidade, a precisão, a conduta de vida regular e metódica e certo distanciamento emotivo”; elementos condizentes com a “seriedade burguesa” da época (MORETTI, 2009, p. 823).

Para Moretti (2009, p. 823), “sério não quer dizer trágico, mas cauteloso, impassível, grave, negro, frio. A classe média se enrijece; nesse momento se chama burguesia, e usa a seriedade para se distinguir do imaginário ruidoso e carnavalesco do trabalho braçal”.

Publicado em 1833, *Eugênia Grandet* traz como foco o Sr. Grandet, um homem duro, áspero e com uma paixão desmedida por sua fortuna. Em contrapartida, o velho era casado com uma mulher resignada aos seus caprichos. Os hábitos da família eram completamente manipulados por sua sovinice. Em sua casa, não se admitia qualquer tipo de uso “indevido” ou esbanjamento de dinheiro. “O Sr. Grandet nunca comprava carne nem pão. Seus rendeiros lhe traziam por semana uma provisão suficiente de capões, frangos, ovos, manteiga e trigo” (BALZAC, 1961, p. 25).

A fortuna do avarento teve início quando, em 1789, sendo um tanoeiro próspero que sabia ler, escrever – e contar – a República decidiu vender, no distrito de Saumur, – onde se passa a narrativa – algumas propriedades do clero. Grandet há pouco havia desposado sua mulher, da família Bertellière. Com o dote e suas economias, adquiriu uma das mais belas vinhas da região, nas terras da antiga abadia. A admiração que a aquisição lhe rendeu acabou colocando-o como prefeito de Saumur até ser destituído por um substituto que convinha a Napoleão, ao contrário do sovinice. Enquanto na prefeitura, logicamente Grandet se concedeu alguns privilégios, como baixos tributos e construções de estradas melhores até as suas propriedades. A filha, Eugênia, sofre as maiores privações, mas mantém uma nobreza de espírito, não se corrompendo, mas também não dando continuidade ao nome da família.

Scrooge Ebenezer, em *Um conto de natal*, por sua vez, era sócio de Jacob Marley, de quem comprou a antiga casa (se é que se pode chamar de casa um local frio, tomado por musgo e constituído por uma enumeração de quartos vazios), em um escritório. Ambos viviam de forma sovinice, racionando capital – através das pequenas porções de lenha queimada na lareira do escritório no inverno, por exemplo, tal qual Sr. Grandet.

Após a morte de Marley, seu fantasma retorna, em tempo de Natal, em um sonho, para alertar Ebenezer sobre o fardo que os avarentos têm de carregar ao morrerem, por conta de terem sido tão egoístas e alheios aos sentimentos humanos na terra, através de três espíritos: o dos natais passados, o do natal presente e o dos natais futuros. Apavorado, o avaro empreende viagem espiritual catártica com os três fantasmas, a fim de restaurar em si o amor ao próximo, o desapego às coisas materiais e a caridade. Quando se vê morto, mal falado pelas pessoas e

inerte às desgraças do mundo, o velho arrepende-se e tudo o que quer é uma chance para reformular sua conduta no mundo. Acorda e, alegre por ter sido um sonho, se dispõe a tornar o natal de seu funcionário mais feliz, dando-lhe um enorme peru assado e a contribuir com a caridade através dos homens que compareceram ao seu escritório em busca de doações e foram corridos pelo antigo e avaro Scrooge. O homem “duro e áspero como uma pedra de amolar, não era possível arrancar dele a menor faísca de generosidade. Era solitário e fechado como uma ostra” (DICKENS, 2007, p. 15) cedera lugar ao caridoso e agradável Ebenezer depois da catarse sofrida com o sonho.

Inteligentes, racionais e ardilosos, Grandet e Ebenezer eram não só a avareza, mas o capitalismo antropomorfizado; explorando cada nicho do mercado em busca do aumento de seu pecúlio particular,

O Sr. Grandet inspirava, pois, a estima respeitosa a que tem direito um homem que nunca deveu nada a ninguém e que, velho tanoeiro, velho vinhateiro, adivinhava com a precisão de um astrônomo, quando necessitava fabricar para a sua colheita mil tonéis ou apenas quinhentos; que não perdia uma só especulação, tinha sempre pipas a vender quando a pipa valia mais que a mercadoria a recolher, podia guardar a vindima em suas adegas e esperar o momento de entregar o tonel a duzentos francos, quando os pequenos proprietários davam o seu em troca de cinco luíses. (BALZAC, 1961, p. 23).

Em Saumur, a especulação acerca da fortuna de Grandet gerava discussões e estava sempre presente entre a população. Havia inclusive uma disputa entre os habitantes para saber quem era mais rico: Grandet, ou alguém dos distritos vizinhos.

O vinhateiro era tão mesquinho que manteve Nanon - a fiel empregada - em sua casa somente depois de avaliá-la grande, forte e conseqüentemente muito conveniente ao trabalho doméstico. O acolhimento da serviçal na casa dos Grandet acabou por desencadear uma lealdade obstinada. Era somente a ela que o velho confiava a chave da preciosa dispensa, que a administrava religiosamente de forma a destinar as providências do dia com o intuito de não esbanjar ou desperdiçar nenhum grama de alimento.

A Sra. Grandet, “que fora reduzida a um completo hilotismo, era em seus negócios o biombo mais cômodo” (BALZAC, 1961, p. 26), jamais se opunha ao marido. Resignava-se e submetia-se para não entrar em conflito com ele; convivia com um esposo que “não frequentava a casa de ninguém, não recebia nem oferecia um jantar; nunca fazia barulho e parecia economizar tudo, até o movimento” (BALZAC, 1961, p. 26).

Eugênia Grandet, única filha do casal, era em quem o pai depositava algum resquício de sentimento. Era “o único ser que para ele representava realmente alguma coisa.” (BALZAC, 1961, p. 27). Já Scrooge, embora não casado e sem filhos, possuía um sobrinho, a

quem não destinava uma gota de compaixão e afeto. Recusara o convite do parente de jantar consigo e a esposa na noite de Natal. Afinal, para o avarento, a data em que a humanidade comemora a união, o amor ao próximo e a sensibilidade é “uma bobagem”.

No que compete à fisionomia, a sovínice é representada de forma que o “egoísmo de um homem habituado a concentrar os sentimentos no gozo da avareza” (BALZAC, 1961, p. 27) seja materializado em linhas faciais duras, olhares expressivos e uma severidade rudimentar. Narizes e traços peculiares são associáveis aos judeus, o que constitui uma comparação preconceituosa acerca de um povo como sendo avarento e retentor de fortuna: “A sua frieza congelou o seu rosto e encompridou ainda mais o seu nariz pontudo, murchou suas bochechas e endureceu seu caminhar; deixou seus olhos vermelhos, azulou seus lábios finos e tornou ferino o tom de sua áspera voz” (DICKENS, 2007, p. 15).

O Sr. Grandet, por sua vez, vê morrer a esposa e preocupa-se apenas com o valor cobrado pelo médico e com o dinheiro da mulher, que terá de restituir à Eugênia. Convence-a a aceitar uma pequena mensalidade em troca da fortuna da mãe. Assinando a abdicação, Eugênia não recebe um centavo sequer.

A única paixão da filha, o primo Charles Grandet (cujo pai falido não consegue fazer o irmão apiedar-se do sobrinho, mesmo deixando uma carta com a solicitação de amparo financeiro ao filho), vai para as Índias em busca de fortuna, deixando-a desamparada. Volta rico por meio da exploração de escravos negros: a ambição em detrimento da compaixão e da humanidade.

Grandet acaba sendo acometido pela doença e pede à Eugênia que disponha em sua frente seu precioso ouro, que tem efeito de morfina no corpo e na alma do sovina. “Isso me aquece – dizia ele às vezes, deixando transparecer na fisionomia uma expressão de beatitude” (BALZAC, 1961, p. 172).

A avareza de Grandet lhe custa a vida ao ser aproximado de si o crucifixo de prata do padre com a imagem de Cristo. Para bem do doente beijá-lo no leito de morte, é oferecido o objeto ao homem que, em vez disso, faz esforço para tomá-lo. Ele recomenda à Eugênia, antes de morrer, que tome conta de sua fortuna, porque ela irá prestar-lhe contas em outra vida, o que cerra as cortinas do espetáculo da natureza humana, exposta de forma crua pela personagem de Balzac. Egoísta escancarado, Grandet, uma vez humano, não consegue na obra de Balzac mudar o cerne da sua existência.

Vivendo a experiência de uma nova sociedade, sem tradições e sem a herança do passado, Balzac e Dickens presenciaram o quanto a trajetória do indivíduo em luta com seu meio pode levá-lo tanto à ascensão quanto à falência. No âmbito da literatura, suas obras

evidenciam o percurso do sujeito de seu tempo, tendo de assimilar as imposições da sociedade se quiser “vencer na vida”, mesmo que tenha de renunciar a valores pessoais e subjugar o outro. A avareza é o grande símbolo dessa sociedade europeia do século XIX, mas é também um símbolo universal da busca do homem pela satisfação e por um senso de triunfo, de êxito. Em *Eugênia Grandet* e *Um conto de natal*, o comportamento individualista excessivo e doentio é, sem dúvida, a expressão de uma denúncia de escolhas equivocadas. No entanto, em ambas as obras, nota-se certa esperança na conduta humana, uma esperança de que a consciência e a noção de justiça predominam, mesmo que, às vezes, cedamos à sedução do dinheiro.

Referências

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- BALZAC, H. de. **Eugênia Grandet**. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1961.
- BERTHIER, P. et al. **Balzac, a obra mundo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- DICKENS, C. **Um conto de natal**. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- HAUSER, A. **A história social da literatura e da arte**. São Paulo: Mestre Jou, [19--?].
- HERVIER, P. L. **Dickens**. São Paulo: Cultura Brasileira, 1946.
- KRAMER, R. **A avareza na ficção: o sucesso dos personagens avarentos**. Disponível em: <<http://mediavarenta.wordpress.com/2009/06/08/a-avareza-na-ficcao-o-sucesso-dos-personagens-avarentos/>>. Acesso em: 21 jun. 2014.
- MACHADO, I. P. **Vida & obra: Honoré de Balzac**. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=748315>. Acesso em: 24 jun. 2014.
- MOISÉS, M. **A literatura portuguesa através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- MORETTI, F. O século sério. In: _____. **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p.823-863.
- PATRICK, J. **501 grandes escritores**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- VIII CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, Rio de Janeiro, 2004 – **Plauto e a aulularia**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rev>>